

## “PAPAGAIO VELHO NÃO APRENDE MAIS A FALAR”: A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NUMA PERSPECTIVA LIBERTADORA

Prof<sup>a</sup>. Ma. Francinilda Rufino de Souza

[francinildarufinouepb@hotmail.com](mailto:francinildarufinouepb@hotmail.com)

Prof<sup>a</sup>. Dr Jomar Ricardo da Silva

*Universidade Estadual da Paraíba- UEPB*

[jomarricardosilva@hotmail.com](mailto:jomarricardosilva@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade divulgar o desenvolvimento das atividades de alfabetização pautada no método de Freire desenvolvida pelo Programa Extensão - Educação, Leitura e Arte: por um diálogo entre a cultura popular e a universidade – PROELART, financiado pelo PROEXT/SESu/MEC/UEPB). O Programa atualmente concluído, no que concerne as ações de alfabetização, teve como objetivo contribuir para a diminuição dos índices de analfabetismo de jovens e adultos nas comunidades carentes da periferia de Campina Grande – PB. As atividades desenvolvidas no decorrer do Programa tiveram como centro a educação na perspectiva da “pedagogia humanista e libertadora”. O exercício inicial dos educadores foi visitar as comunidades atendidas pelo programa para conhecer suas realidades e as dos educandos, para com isso fazer um levantamento das palavras geradoras a partir da realidade social dos educandos e com isso buscar junto aos educandos o domínio das habilidades de leitura e escrita a partir de suas leituras de mundo. Dessa forma, a alfabetização não se dá somente no campo cognitivo, mas acontece essencialmente nos campos social e político, tendo em vista que o alfabetizando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade e também desafiado a repensar a sua história. Portanto, de forma direta, constata-se impactos de ordem social, tendo em vista a contribuição que o programa proporcionou na melhoria de vida das populações atendidas, já que atuou na melhora da autoestima, formação crítica de sujeitos pensantes e capazes de reivindicar por seus direitos.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Pedagogia Humanista e Libertadora, Educandos.

### Introdução

A história da educação brasileira sempre esteve atrelada aos interesses das classes dominantes, que majoritariamente ditaram as regras para educação, no contexto de uma sociedade regulada pelos interesses do capital. Dessa forma, ao longo de nossa história, na relação dialética entre políticas educacionais e entre educação e sociedade, promoveu-se a não inclusão no espaço escolar e na cultura letrada de grande parcela da população. Estes brasileiros que ficaram à margem do sistema escolar deságuam hoje nos programas de alfabetização do Estado. Essa trajetória excludente fortaleceu o surgimento e a manutenção de

(83) 3322.3222

[contato@cintedi.com.br](mailto:contato@cintedi.com.br)

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

uma oposição entre os sujeitos pensados como ideais para o trabalho braçal e os que deveriam se voltar para o trabalho intelectual.

O Brasil ainda possui uma triste realidade no que se refere as taxas de analfabetismo, ou seja, tem cerca de 11,8 milhões de analfabetos, o que corresponde a 7,2% da população de 15 anos ou mais. A taxa indica que o Brasil não conseguiu alcançar uma das metas intermediárias estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) em relação à alfabetização da população com 15 anos ou mais. A meta 9 do PNE determinava a redução do analfabetismo a 6,5% até 2015, o que não aconteceu. A Lei diz ainda que em 2024 o analfabetismo deve estar erradicado do país<sup>1</sup>.

A taxa de analfabetismo na Paraíba encontrada em 2017 é o dobro da registrada no Brasil e um pouco maior do que a média do Nordeste, que por sua vez, é a região do país com a maior taxa de pessoas que não sabem ler ou escrever. Enquanto na Paraíba foi de 16,5%, a média de analfabetismo brasileira encontrada pelo IBGE foi de 7% e a média nordestina foi 14,5%<sup>2</sup>.

Desse modo, torna-se necessário um conjunto de ações que se contraponham a permanência desta condição educativa, vinculada a uma “prática ingênua”. Por isso, consideramos fundamental que o mundo acadêmico desperte para o compromisso com a educação. Essa foi a nossa proposta em relação às comunidades Bodocongó (Vila dos Teimosos), São Januário II, Tambor, Novo Bodocongó, Ramadinha II, Mutirão, Monte Castelo e Bela Vista, que fazem parte do entorno periférico de Campina Grande-PB. Por meio do Programa de extensão – Educação, Leitura e Arte: por um diálogo entre a cultura popular e a universidade – PROELART, financiado pelo PROEXT/SESu/MEC/UEPB).

O Programa contava com uma equipe formada por dois Coordenadores (Jomar Ricardo da Silva e Maria José Guerra), dois professores educadores (Francinilda Rufino de Souza e Jociano Coêlho de Souza) e dezesseis alunos bolsistas que atuaram como educadores nas comunidades. Nesse Programa foram desenvolvidas, durante agosto de 2013 e agosto de 2014, atividades que contemplaram alfabetização, roda de leitura e teatro. Porém, para este artigo, serão contempladas apenas as ações de alfabetização que se pautaram na proposta metodológica freiriana.

---

<sup>1</sup> O GLOBO. **Brasil ainda tem 11,8 milhões de analfabetos, segundo IBGE**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755>. Acessado em: 20 de jul. de 2018.

<sup>2</sup> G1 PARAÍBA. **População da Paraíba tem 518 mil analfabetos, aponta estudo do IBGE**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/populacao-da-paraiba-tem-518-mil-analfabetos-aponta-estudo-do-ibge.ghtml>. Acessado em: 20 de jul. de 2018.

Ao longo do desenvolvimento de suas atividades o Programa contamos com o apoio da Universidade Estadual da Paraíba, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e seus diversos departamentos como: história, sociologia, comunicação social, pedagogia e letras. A equipe diversificada trabalhou com um público, que de forma geral, foi composto por homens e mulheres, trabalhadores formais e informais (comerciante, soldador de aço, domésticas, serviços gerais, manicure etc.) moradores urbanos de periferias. A maioria possui renda familiar baseada no programa bolsa família e em trabalhos formal e informal.

O Programa atualmente concluído, no que concerne as ações de alfabetização, teve como objetivo contribuir para a diminuição dos índices de analfabetismo de jovens e adultos nas comunidades carentes da periferia de Campina Grande – PB, favorecendo o exercício da cidadania. Por sua vez, o presente artigo busca divulgar o desenvolvimento da proposta de alfabetização pautada no método de Freire desenvolvida pelo Programa PROELART.

## **Metodologia**

As atividades desenvolvidas no decorrer do Programa tiveram como centro a educação na perspectiva da “pedagogia humanista e libertadora” (FREIRE, 1981). O desenvolvimento da pesquisa pautou-se no método freiriano que esteve intrinsecamente ligado ao ideal de exercício de cidadania, haja vista que no processo de alfabetização concebido, os educadores estavam claramente voltados a uma opção de construção de sociedade que se contraponha as diferentes formas de exclusão social.

O exercício inicial dos educadores foi visitar as comunidades atendidas pelo programa para conhecer suas realidades e as dos educandos, para com isso fazer um levantamento das palavras geradoras a partir da realidade social dos educandos. Nesse momento a equipe percorreu a comunidade de casa em casa apresentando a proposta do Programa e recrutando os alunos. Nessa etapa os educadores tinham um questionário, que era preenchidos com dados dos sujeitos que aceitavam participar, o qual contemplava dados pessoais para contato e perguntas como: por que não estudo? Por que parou de estudar? Por que quer voltar a estudar? E em que trabalha? Essas informações proporcionou a equipe material para extrair as palavras geradoras, bem como dava conhecimento prévio da realidade dos educandos.

As atividades desenvolvidas pelo Programa ocorriam de segunda à quinta-feira nas comunidades atendidas pelo projeto de alfabetização de jovens e adultos, já citadas acima, com duração de duas horas. E segundas e sextas na comunidade de Monte Santo atendida que era atendida pelos projetos de roda de leitura e teatro.

Para operacionalização desta perspectiva os educandos contemplados com o programa tiveram 4 encontros semanais, segunda à quinta-feira nas comunidades atendidas pelo projeto de alfabetização de jovens e adultos, já citadas acima, com duração de duas horas, durante 12 meses para sistematizar seu prévio conhecimento, advindo de suas experiências de mundo, ponto de partida para um saber mais crítico. A técnica utilizada teve como base as palavras geradoras presentes na realidade em que os educandos se encontravam inseridos. Desta forma, cada educador participou ativamente dos primeiros encontros/contacto com as comunidades e com os educandos. Esse exercício prático teve por objetivo:

- Instigar uma problemática para introduzir a palavra geradora que se aproximasse da realidade dos educandos;
- Introduzir a palavra geradora através da descoberta e não da imposição;
- Proporcionar a conceituação coletiva dos temas apresentados, sistematizando as palavras utilizadas pelos educandos em seu cotidiano;
- Trabalhar a leitura a partir deste conceito;
- Trabalhar a matemática ligada ao tema apresentado em sala de aula além de outras disciplinas do contexto escolar;

Na sequência das aulas, após a introdução da palavra geradora o(a) educador(a) procurou:

- Dinamizar a aula, incentivando no educando a oralidade para melhorar sua expressão e seu desenvolvimento intelectual através do diálogo;
- Trabalhar atividades que valorizassem a participação, a intervenção, a opinião, a crítica, entre outras qualidades suprimidas na sociedade oprimida e a margem.

## **Resultados e Discussão**

A finalidade da educação é a libertação, a transformação radical da realidade, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos. Para isso a educação precisa ser vista não apenas como uma questão só pedagógica, mas também social e política.

Nesse contexto de liberdades Amartya Sen (2000) ressalta que para mudar as realidades de opressões é preciso remover os diferentes tipos de restrições, como nutrição adequada, saúde de qualidade, educação básica, água potável, liberdades políticas e sociais. Isto porque a atuação de sujeitos ativos e que reivindicam melhorias sociais estar diretamente proporcional com as liberdades que desfruta.

Dessa forma, a alfabetização não se dá somente no campo cognitivo, mas acontece essencialmente nos campos social e político, tendo em vista que o alfabetizando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade e também desafiado a repensar a sua história. Nesse termos, o educando passa a questionar as condições que o impediu de ter acesso a escola, moradia digna, saúde, trabalho, etc. Porém, existe casos onde se encontra uma aceitação “cega” das condições em que vive. Nestes casos, o diálogo se torna quase impossível, pois, as serem questionados respondem que “esta é a vida que deus me deu” ou “deus quis assim”. E ao se tentar romper as barreiras construídas surge frases como: “a essa idade aprender pra quê?” e “papagaio veio não aprende mais a ler”.

Na prática, os educandos que não dominam as habilidades da leitura e da escrita desconsideram seus saberes historicamente e cotidianamente construídos e adquiridos, se colocando de forma inferior no seio social. Assim, se auto denominam incapazes de transpor as barreiras sociais e galgar novos espaços. Por isso que Brandão (1985, p. 11) destaca que a educação possui força, pois:

Ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que em conjunto, constroem tipos de sociedades.

Fazer os sujeitos refletirem não apenas sua falta de domínio da leitura e da escrita, mas principalmente as estruturas sociais e as implicações dessa nas suas vidas foi o ponto chave do Programa. Pois, o fato dos sujeitos não se sentirem capazes de aprender algo novo reflete o quadro de “absoluta miséria educacional” em que se encontram inúmeras pessoas no Brasil e no nosso entorno.

Durante a atuação do Programa foi possível observar que algumas pessoas passaram por um processo de naturalização, no qual foi introjetado de forma sutil e quase imperceptível o estado de aceitação da sua condição social de ser marginalizado. Ou seja, reconhecem os valores e saberes produzidos e administrados pela classe dominante e acreditam que sua

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)



exclusão das condições básicas de vida e do processo educativo não poderia ser modificado ou que já estava predestinado a ser assim, como afirma o relato abaixo:

Estudar pra quê? Eu já tô veio não sirvo pra isso não. Quando era novo não estudei porque tinha qui trabaiá né? Agora não tenho mais cabeça pra isso não. Isso é prus jovens. E pra que vai sirvi isso pra mim? Além do mais minha fia se eu não estudei foi porque deus quis assim. (E.P.S. 2013)<sup>3</sup>.

Para mudar essa perspectiva sobre si mesmos que alguns dos educandos possuíam, demonstramos que o processo de educar não é algo pronto para ser imposto. Assim, pensando o homem e o mundo, Paulo Freire (1987) considera, nesta abordagem que o sujeito é elaborador e criador do conhecimento. Freire afirma ainda que o homem é o sujeito da educação. Portanto, não existem senão homens concretos, situados no tempo e no espaço, inseridos num contexto sócio-econômico-político-cultural, enfim num contexto histórico. Com isso, se pode dizer que o homem é um ser situado no e com o mundo.

Dessa forma, a verdadeira educação, para Freire, consiste na educação problematizadora que ajudará a superação da relação opressor-oprimido. Essa educação implica em um constante ato de des-velamento da realidade, e é um esforço permanente por meio do qual os homens vão percebendo criticamente como estão atuando no mundo. Sendo assim, para que se tornassem atos de conhecimento, o progresso de alfabetização de jovens e adultos buscou-se durante toda a ação do Programa comprometer constantemente os educandos com a problemática de suas situações existenciais.

Nesse processo, o diálogo é desenvolvido ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a união, a organização, a solução em comum dos problemas. Os educandos participaram em todas as atividades conjuntamente com as ações dos educadores. O conhecimento, portanto, é uma construção dialógica diária na qual o educando é sujeito participe do processo de aprendizagem onde a educação:

[...] tem de ser forjada com ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação, em que esta pedagogia se fará e se re fará. (FREIRE, 1981, p. 17).

Portanto, todo aprendizado deve se encontrar intimamente associado à tomada de

<sup>3</sup> Resposta dada ao questionário realizado pela equipe do PROELART durante visita nas comunidades em 2013.

consciência da situação real vivida pelo educando. Esquece-se, muitas vezes, que grande parte da aprendizagem relacionada à formação de um ser humano acontece espontaneamente, fora da escola, e mesmo a transferência intencional de conhecimento não advém de uma instrução programada. Por esse ângulo a educação é entendida de forma abrangente, pois, engloba todos os processos formativos que se realizam nas práticas sociais relacionadas às diferentes manifestações de convivência humana. É indiscutível a importância que os diferentes níveis de participação possuem na formação dos educandos por meio das experiências vividas em seus cotidianos.

Esse entendimento foi primordial para saber o valor dos "conteúdos programáticos", que deveriam ser democraticamente escolhidos pelas partes interessadas no ato de alfabetizar, dentro de uma proposta mais ampla de educar. Assim, no primeiro contato com os educandos foi realizado uma sondagem sobre escolaridade, trabalho, por que não estudou? Por que queriam estudar? Etc. Tal atividade teve como objetivo investigar o universo vocabular (FERREIRO, 2013) e do estudo dos modos de vida específicos a cada realidade social. Essa investigação ia se aprofundando nas conversas informais com os educandos, por meio das quais buscava-se perceber as suas vivências e experiências nas esferas familiares, religiosas, políticas, de lazer, de trabalho etc. Esse contato sempre fornecia a equipe de alfabetizadores um rol de palavras de uso comum em cada comunidade e que representavam o universo vocabular local (GUERRA, 2006).

Ao se sentirem parte do processo, os educandos se sentiram valorizados e respeitados pela carga de saber que já possuíam. Isso os impulsionou a querer dominar as áreas da leitura e da escrita para com isso resolver problemas nas mais variadas situações como assinar o nome, ler uma notícia, fazer uma lista, etc. Esse desejo de dominar essas práticas parte das suas realidades, já que o mundo é de leitores, tudo hoje em dia faz menção a leitura e escrita tornando-se primordial dominá-las.

Quero estudar porque faz falta né? Nos momentos em que preciso fazer compras né? Tem de lembrar tudinho de cabeça, as vezes se esquece. Eu também queria ler minhas oração. Eu num tive oportunidade de estudar antes, casei nova. E meu sonho é poder assinar meu nome e num precisar colocar o dedo. Quem num sabe lê é cego fia! Tudo hoje precisa né? (M.A.S. 2013)<sup>4</sup>.

A educação se torna, portanto, instrumento fundamental de emancipação e

---

<sup>4</sup> Resposta dada ao questionário realizado pela equipe do PROELART durante visita nas comunidades em 2013.

transformação para as comunidades. Isso porque possibilita uma ampliação dos sonhos, o lugar de sujeito da sua história, bem como um olhar crítico sobre as instituições e sobre o exercício da cidadania. Sabendo que nenhum processo educacional é neutro, já que está sempre na defesa da construção ou permanência de determinados projetos de nação e sujeitos. Buscamos possibilitar o respeito e a valorização do lugar social dos educandos, uma vez que, secularmente o movimento tem sido inverso materializando tentativas de imposições de uma ‘memoria social’ sempre elitista.

No intuito de fazer com que os sujeitos não só fossem atores passivos e receptivos de conhecimentos, ou seja, buscando despertá-los para se verem enquanto indivíduos ativos e capazes de se apropriarem de outros saberes, as atividades desenvolvidas em sala de aula promoviam uma sequência na qual fossem evidencializados os seguintes pontos: primeiro, a investigação da temática, ou seja, um estudo da realidade do universo vocabular dos educandos; Segundo momento a tematização, a escolha do tema geral ou temas geradores mediante o universo vocabular dos educandos; Em seguida, a problematização (as indagações, as discussões sobre a temática abordada). Como também a decodificação do código escrito, ou seja, a leitura da palavra e seus desdobramentos pelo método sintético (partindo da sílaba, a palavra, a sentença e ao texto...).

Dentre o tema gerador e palavras geradoras estudadas podemos destacar temas sociais: Identidade, documentos pessoais, cidadania, direitos e deveres do cidadão, direitos humanos (saúde, educação, trabalho, moradia e segurança etc.) urbanismo, meio ambiente, temas sociais, e consumo etc. A metodologia utilizava roda de conversa, diálogos, debates, conversas informais, dinâmicas, estudo de palavras, ditado de frases, produção de frases, trabalhando com bingo, alfabeto e sílabas móveis, análise de jornais /rótulos/conta de água e luz/, elaboração de fichas com palavras grifadas com: c/ç, r/RR, ch/x, s/SS, g/j, s/com som de z, nh/lh, l/u; Elaboração do quadro silábico dentre outras atividades.

- Apresentação do projeto PROELART;
- Círculo de conversa sobre a tema gerador;
- Conversar informal e formal sobre o tema;
- Roda de debates;
- Relato oral dos educandos;
- Construção produção de murais e cartazes relacionados (carnaval, dia da mulher, dia do trabalho e copa etc.);
- Construção da família silábica;



- Ditada de sílabas e palavras geradoras;
- Exibição de documentário referente a vida e obra de Paulo Freire;
- Audição de músicas coerentes com as temáticas a serem trabalhadas (asa branca, a volta da asa branca, cidadão, xote ecológico e marchinha de carnaval dentre outras.
- Discussão dos assuntos na roda de conversa diária como notícias de jornais;
- Realização de atividades dos conteúdos listados nos eixos temáticos de forma interdisciplinar com o projeto.

Mediante o período de atuação do Programa PROELART foi possível constatar que os educandos tiveram um amplo desenvolvimento de aquisição da escrita e da leitura, domínio de oralidade e questionamento e leitura de mundo sobre a realidade social devido as práticas de letramento, pois: “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p. 09). Desta forma, tentou-se ao longo do programa não perder o foco de que no processo de alfabetização, na perspectiva freireana, o ponto de chegada da alfabetização (saber ler e escrever) está associado à elaboração de novos projetos de sociedade e à organização de espaços de participação popular.

Ademais, tendo em vista que o conhecimento só é conhecimento quando compartilhado e quando se promove a troca de experiências vividas, foram produzidos alguns artigos científicos para promover a divulgação das ações implementadas e seus respectivos resultados. O Programa teve como resultado as seguintes produções científicas publicadas:

1. Artigo “**Diagnóstico da prática de alfabetização em Freire: (re)conhecer o universo vocabular nas comunidades mutirão e invasão do distrito dos mecânicos**” CONEDU – Congresso Nacional de Educação – Campina Grande, 2014. (Autores: Flaviano Cirino de Souza e Maria José Guerra).
2. Artigo “**Memória e aprendizagem: a aquisição e construção do conhecimento na alfabetização de adultos e idosos**” CONEDU – Congresso Nacional de Educação – Campina Grande, 2014. (Autores: Jéssica Nascimento Silva e Maria José Guerra).
3. Artigo “**O teatro como dispositivo educacional, autônomo e libertador: uma experiência com jovens e adultos da periferia**”. XVI Encontro Regional dos Estudantes de Letras – Fabrica de marginais: A construção da Identidade Linguística e

- literária da periferia, UFRJ: 2015. (Autores: Ednalda Ferreira da Silva e Josielio Pereira Marinho).
4. Artigo “**Educação, cultura e desenvolvimento local: a contribuição do PROELART para a construção de liberdades**” CINTEDI – Congresso Internacional de Educação e Inclusão – Campina Grande, 2014. (Autores: Francinilda Rufino de Souza; Almir Cláudio e José Cassimiro Leite).
  5. Artigo “**A formação de professores alfabetizadores no programa PROELART**”. II Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire – Natal, 2014. (Jociano Coêlho).
  6. Artigo “**As práticas discursivas de alfabetização de professores: uma experiência no programa PROELART**”. II Colóquio Nacional de Professores em Educação - Mamanguape, 2014. (Jociano Coêlho).
  7. Artigo “**Práticas pedagógicas do educador popular na modalidade EJA**”. CONEDU – Congresso Nacional de Educação – Campina Grande, 2014. (Autores: Rárami Quaresma Zeferino Nascimento e Raísa Eliete Pereira de Almeida).
  8. Artigo: “**O significado da atividade física para homens e mulheres inscritos no PROELART/UEPB**”. IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano – Campina Grande, 2015. (Maria José Guerra).
  9. Artigo “**Alfabetizar Letrando: uma experiência de educação de jovens, adultos e idosos na Vila dos Teimosos – Campina Grande – PB (2013 – 2014)**”. Artigo apresentado para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Pedagogia. 2017.

A equipe ao longo de toda a ação desenvolvida contou com o apoio dos coordenadores e dos professores educadores que davam suporte aos alunos/educadores. Para isso, foi criado um curso extensivo dentro do programa intitulado: **A CONSTRUÇÃO E A ANÁLISE DAS PRÁTICAS DO EDUCADOR POPULAR: DESAFIOS, POTENCIALIDADES E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**. Esse curso buscou dar suporte aos alunos bolsistas e atuar conjuntamente para minimizar as dificuldades encontradas para promover o desenvolvimento da prática de alfabetização nas comunidades assistidas pelo Programa.

## Conclusões

Portanto, nota-se que os fins alcançados satisfizeram aos objetivos do Programa, pois é notável que os educandos participantes do curso adquiriram uma autonomia do saber

socialmente construído, uma vez que isso foi possibilitado a partir de uma prática pedagógica dialógica, na qual o educando se compreendeu como sujeito social e sujeito dialógico em sala de aula, além de contribuir com a redução do índice de analfabetismo de jovens, adultos e idosos, sendo evidente que aqueles que concluíram o curso mostram ter uma base para utilizar a leitura e escrita em determinadas situações do cotidiano.

Portanto, de forma direta, constata-se impactos de ordem social, tendo em vista a contribuição que o programa proporcionou na melhoria de vida das populações atendidas, já que atuou na melhora da autoestima, formação crítica de sujeitos pensantes e capazes de reivindicar por seus direitos. Bem como promoveu a inserção social de sujeitos por meio do letramento.

Esses impactos, também se deram de forma positiva na própria formação dos educadores/bolsistas que tiveram a grata oportunidade de confrontar teoria e prática, refletir e aprimorar suas habilidades e desenvolver novos caminhos para suas futuras atuações docentes. Assim, instigou-os enquanto pesquisadores para não dissociarem em suas práticas o elo que existe entre a pesquisa, o ensino e a extensão. Gerando por sua vez, impactos nas suas ações intelectuais, onde produzem e socializam conhecimentos que visam melhorar as práticas docentes, mas também apontam possibilidades e caminhos que possam ser trilhados com vista a erradicação do analfabetismo no Brasil.

Diante do caminho percorrido ao longo do Programa com seus estímulos e dificuldades, aprendemos sobretudo a respeitar o conhecimento do nosso semelhante, não considerando maior nem menor apenas diferente. As diferenças vividas se deram não apenas no âmbito dos educandos, mas também dos educadores que contou com uma equipe diversificada, ou seja, alfabetizadores que já deram aulas, outros que nunca ocuparam o lugar de professores, assim como diversidade de áreas de conhecimento dos professores universitários. Diversidade dos alunos: jovens e adultos, homens e mulheres, alguns já iniciados na leitura e na escrita, outros que nem conheciam o alfabeto.

Se a diversidade que encontramos acarretou dificuldades, nada que não pudesse ser superado e nos permitiu também a troca de experiências e saberes, uma abertura para os pontos de vista de colegas, a explicitação de divergências e até mesmo a revisão de preconceitos. Vale destacar que as estratégias didáticas, os materiais de leitura, os textos de apoio e os materiais de alfabetização recriados pelos alfabetizadores não foram padronizados e se originaram do diálogo, da reflexão e das trocas entre educadores, educandos e formadores. Sem serem criações inéditas, constituem produções pedagógicas nascidas da experiência, das limitações, possibilidades e necessidades do contexto.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

Quanto aos aspectos políticos do programa, constatou-se que mais do que ensinar sobre injustiças sociais, educação bancária, opressão, discriminação em função de gênero, cor, local de residência e outros fatores de exclusão, os educadores passaram a enxergar a possibilidade de desenvolver uma educação pautada na humanização, no respeito e na troca de saberes que permitiu refletir não apenas sobre o ato de ensinar, mas principalmente sobre a dimensão política do exercício do magistério. Assim, espera-se que os educandos introduzidos no processo de letramento deem continuidade na busca de mais conhecimentos, que busquem aprimorar-se enquanto sujeitos de ação, que valorizem-se enquanto indivíduos e constituidores de uma sociedade.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**: conversas de Emília Ferreiro com Jose Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 18 Edição Nº. 3, Vol. 1, jan./dez. 2013. Inserida em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/> .

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam/ Paulo Freire.- 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUERRA, Maria José. **Experiência e vida, no domínio da aprendizagem necessária, em EJA**: o que diz a pesquisa de professor-aluno da Alfasol. In: Revista da Alfabetização Solidária. São Paulo, 2006, v.6, n.6.